

## **A GLOBALIZAÇÃO EM IMAGENS NA GEOGRAFIA ESCOLAR: EXPERIMENTAÇÕES NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA**

Giovana Finato Zobot<sup>1</sup>  
Rafael Marchesan<sup>2</sup>  
Raphaella Desiderio<sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A globalização e os processos que envolvem as dinâmicas espaciais no mundo contemporâneo são temas/conteúdos presentes no currículo da geografia escolar. O presente trabalho trata de reflexões oriundas de experimentações realizadas em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental durante atividades de regência do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II do curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Erechim/RS.

No processo de formação docente, o estágio é fundamental para articular teoria e prática. Nesse sentido, para introduzir o conteúdo sobre globalização, buscamos primeiramente entender o grau de entendimento dos(as) estudantes em relação ao tema e como compreendem a dinâmica deste assunto em seu dia-a-dia, sendo através do consumo direto ou da influência a que estão sujeitos.

Para isso, com base em um estudo de caso aplicado em sala de aula pelo professor Thiago Manhães Cabral (Cabral, 2023), foi realizada uma atividade com duas turmas de 9º ano no município de Erechim/RS, com o objetivo de compreender a construção do imaginário de um mundo globalizado na visão dos adolescentes, a partir de livre criação, identificando aspectos que remetem à continentes, países ou regiões do globo. A noção de imaginário geográfico proposta por Massey (2017) é referência para pensarmos as imagens da globalização.

Pode-se assim perceber ao final da atividade, que há uma concentração na indicação e descrição de produtos e serviços em pontos como América do Norte e do Sul, Europa e Leste Asiático, tendo vazios ou pouca expressão locais como a África, tido como berço do surgimento da civilização humana.

Constatamos que as imagens presentes nas redes e materiais didáticos reforçam um discurso da globalização como um fenômeno eminentemente econômico e tecnológico, marcado pelos fluxos de capital, mercadoria e informações que impactam os nossos modos/padrões de vida/consumo através do uso das redes sociais, por exemplo. Por outro lado, também fica evidente, através dos mapas preenchidos pelos estudantes, os “vazios” e impactos desse processo.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia – 8º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS. [giovanazabot@gmail.com](mailto:giovanazabot@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia – 7º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS. [garotoerechim@gmail.com](mailto:garotoerechim@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora. Prof.<sup>a</sup> do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Erechim. [raphaella.desiderio@uffs.edu.br](mailto:raphaella.desiderio@uffs.edu.br)

## 1 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa teórica e experiência realizada com duas turmas dos 9º anos do Ensino Fundamental, durante o período de regência do Estágio Curricular Supervisionado II do curso de Licenciatura em Geografia.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas, de materiais didáticos, atividades de observação e registros na escola, assim como, planejamento e desenvolvimento de aulas que foram ministradas na escola campo de estágio.

As reflexões apresentadas no decorrer do trabalho são oriundas de anotações em caderno de campo, e debates realizados em sala de aula.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

As atividades foram realizadas em duas turmas do 9ª ano do Colégio Estadual Professor Mantovani em Erechim/RS (9º ano B e 9º ano C), baseadas e adaptadas da experiência descrita por Cabral (2023). O objetivo foi compreender o fenômeno da globalização através dos conhecimentos dos alunos sobre outros lugares, advindos principalmente de contatos virtuais com produtos de mídia e indústria cultural estrangeira, sem o uso de pesquisas, apenas a partir de conhecimentos prévios.

Para contextualizar o tema proposto que foi a globalização, fez-se inicialmente uma conversa apoiada pelo uso de imagens projetadas no quadro, que ilustravam diferentes aspectos desse fenômeno, dentre os quais, econômicos, culturais, políticos, sociais e ambientais. Os(as) estudantes foram instigados(as) a ao ver as imagens, buscar alguma relação com seus cotidianos, desde objetos ou conteúdos que têm por hábito usar, como roupas, calçados de marcas famosas, redes sociais, conteúdos de entretenimento, rede de *fast-food*, sendo estes(as) ligados(as) a marcas ou empresas conhecidas a nível global, que detém em parte o monopólio do nicho de mercado a que pertence.

Destaca-se que a participação dos discentes ocorreu de forma natural e abrangente, visto que ao verem as marcas que consomem, identificaram a influência das escolhas que fazem na sua vivência diária, de forma que em muitas situações podem parecer imperceptíveis. Foram instigados a pensar a partir desta dinâmica, o quão distante pode estar o local de fabricação ou criação destes produtos e ainda assim alcançam uma abrangência de influência global, sempre amparados em alguns dos aspectos da globalização.

Na segunda etapa da aula, os(as) estudantes participaram de uma atividade com um mapa-mundi mudo. No mapa, deveriam registrar elementos que conhecessem ou associassem a diferentes partes do mundo — como produtos culturais, personalidades, pontos turísticos, marcas, entre outros. A hipótese inicial era de que as referências se concentrariam no continente europeu e na América do Norte enquanto outras regiões, especialmente a África, comporiam um vazio de referências por parte dos(as) estudantes. Após cerca de 30 minutos de atividade, essa hipótese foi confirmada. Em contrapartida, no continente americano, em especial ao norte e no continente europeu, visualizou-se uma concentração de indicações em relação aos assuntos abordados, demonstrando a atual divisão territorial do trabalho no mundo.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os adolescentes demonstraram grande engajamento durante a atividade. Embora fosse proposta de forma individual, gerou diversas discussões espontâneas entre os participantes. Ao final, todos haviam registrado ao menos alguns elementos no mapa, enquanto alguns inseriram uma quantidade considerável de referências.

Na América do Norte, os itens mais citados foram produtos culturais, especialmente relacionados aos Estados Unidos, como a Disney e filmes em geral. No caso do México, nas atividades em que o país foi mencionado, as referências foram predominantes relacionadas ao narcotráfico ou à culinária típica mexicana. Já o Canadá foi lembrado apenas como um país onde “neva”.

O continente europeu teve a maior parte das referências, com personalidades famosas, pontos turísticos, marcas e até características gerais como “qualidade de vida”, porém concentradas nos países da Europa ocidental. A Rússia foi mencionada de forma pontual, geralmente associada aos termos “comunismo” e “guerra”.



**Figura 1:** A globalização pelo mundo

Fonte: Acervo dos autores (2025).

A Oceania foi citada apenas pela Austrália, com destaque para seus animais característicos, considerados exóticos pelos alunos.

Na Ásia, apenas China, Japão e Coreia foram lembrados. A China apareceu principalmente por aspectos comerciais, como as plataformas de vendas internacionais *Shopee* e *Shein*. Japão e Coreia do Sul foram associados à indústria cultural, destacando-se o *anime* e o *k-pop*. A Coreia do Norte foi lembrada unicamente pela palavra “ditadura”.

Como previsto, a África foi mencionada apenas como continente, sem nenhuma referência individual aos seus diversos países. Na maioria dos mapas, as únicas palavras associadas ao continente foram “pobreza” e “cultura” — quando algo era mencionado. Aproximadamente xx% dos mapas nada traziam de referências no continente africano e pouca ou nenhuma no continente asiático.



## CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, permite conjecturar a proporção do imaginário das pessoas perante a dominação cultural e econômica do chamado “mundo desenvolvido”, especialmente mediante à influência dos meios de comunicação, mais especificamente a internet.

Percebemos na análise dos trabalhos uma construção de imaginário fortemente atrelada a estereótipos, especialmente aqueles associados ao Brasil e à América Latina de forma geral. Notamos que as descrições do país — elaboradas por estudantes brasileiros — concentraram-se no futebol, na Amazônia e em figuras públicas, nos questionando: que imagem do Brasil é essa, distante da realidade desses alunos, onde nem mesmo suas vivências cotidianas foram lembradas?

O vazio deixado no continente africano também nos remonta a um deslocamento com a própria realidade. Em um país onde metade da população tem origem/herança no continente (IBGE, 2023), ainda notamos a hegemonia e o impacto do norte global no cotidiano do brasileiro. Isso também nos mostra as lacunas do ensino em construir uma nova imagem da África, pois há décadas o país inseriu a obrigatoriedade do ensino de história dos povos africanos nos currículos escolares (BRASIL, 2003), e ainda assim falha em desconstruir a ideia de uma África homogênea, pobre e abandonada. Para Massey (2017), o exercício de pensar geograficamente começa por questionarmos as nossas imaginações a respeito dos lugares, já que muito de nossa geografia está na mente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. **Agência de Notícias IBGE**, 22 dez. 2023. Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm). Acesso em: 20 abr. 2025.

CABRAL, T. M.. Globalização e indústria cultural no meu cotidiano: o relato de uma prática educativa para o 9º ano do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 13, n. 23, p. 5–26, jan./dez. 2023.

Disponível em:

<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/494>.

Acesso em: 20 abr. 2025.

MASSEY, D. A mente geográfica. **GEOgraphia** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Vol.19, Nº40, 2017, p. 36-40. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477/8677>. Acesso em: 02 abr. 2020.